

# SURPRESAS E ALERTAS

após uma rápida leitura de Oséias.

- não vim oferecer respostas, mas perguntas (Mario Quintana)
- não vendo pão, mas fermento (Miguel de Unamuno)

**1. OSÉIAS CONTEXTA O ESTADO, EM GERAL, E A MONARQUIA EM PARTICULAR** porque estas instituições despojam e desmancham a sociedade tribal igualitária projetada por Javé após a ocupação da Palestina pelas doze tribos israelitas. Como? O estado monárquico cria cidades e sistema aí as elites privilegiadas, junto com estradas, praças, palácios e templos. Em seguida, o estado monárquico exige das comunidades tribais a produção excedente, as terras mais férteis, tributos cada vez mais pesados e os filhos e as filhas das famílias camponesas. Os filhos para que se tornem soldados e morram em guerras a favor ou contra os imperialismos da época. As filhas para que se tornem prostitutas e servidas. A fim de ter mais carne a lançar no matadouro das guerras, os reis israelitas encorajam a prostituição sagrada, como acontecia nos arredores do templo de Baal entre os pagãos. Além de tudo isso, cobrem de privilégios os templos e os sacerdotes para que, com motivações religiosas, justifiquem suas decisões e iniciativas.

**Reações imediatas da parte do leitor.** A crítica de Oséias ao estado e à monarquia parece sair da boca de Carlos Marx. Lembrar as superestruturas que exploram e esmagam o povo. A Bíblia toda é atravessada por uma pungente e global oposição ao imperialismo e a qualquer poder estatal que apareça abusivo e/ou explorador. Cfr. Egito e Faraós, Babilônia e Assíria, os vários Herodes, Pilatos e os Romanos. Lembrar 1Reis 8; Mc 5, 9.

Ao mesmo tempo, a Bíblia privilegia e exalta a sociedade igualitária sem rei nem estado: as tribos de Javé, o Reino de Deus anunciado e empreendido por Jesus, a Eucaristia e a comunhão dos bens, a comunidade de Jerusalém, o projeto de Paulo e as coletas entre as comunidades gregas. Temos assumido estas idéias e propostas? Percebemos que o projeto de Reino poderia suscitar uma reviravolta nunca vista? Lembrar como o Reino de Deus foi traído por Constantino, Carlos Magno, Espanha e Portugal. Hoje muitas igrejas, inclusive parte da católica, apóiam a ferócia de Bush mascarada de religião. Nos últimos trinta anos parece ter reaparecido a

teologia do Reino de Deus pregado por Jesus. Estamos percebendo? A própria missão da Igreja começa a ser definida em relação ao Reino. Cfr. AG, LG, RM....

**Outras perguntas.** Qualquer estado é incompatível com o Reino de Deus? Por que? A Bíblia exalta o estado persa e até a república romana. Cfr. Livro de Esdra, c.1 e Primeiro Livro dos Macabeus, c.8. Qual a diferença entre estado e Reino? O estado é uma organização de forças diferentes e freqüentemente antagonistas. O Reino de Deus uma relação entre pessoas iguais e livremente de acordo. Será possível aqui neste mundo? Qual a diferença entre igualdade imposta (comunismo) e igualdade escolhida (Reino de Deus)?

A igreja católica não tem uma estrutura monárquica? Segundo Jürgen Moltmann (Trindade e Reino de Deus, Vozes 2001) a estrutura monárquica contrasta com as mais belas e profundas idéias bíblicas e teológicas: a vida trinitária, a comunhão dos bens que é o Reino, a tarefa escatológica dos cristãos.

**2. NA VISÃO DE OSÉIAS EXISTEM E FICAM EVIDENCIADOS SOMENTE DOIS SUJEITOS: DEUS E O POVO.** Em consequência disso Oséias rebaixa os reis, os sacerdotes e o templo. De fato, tanto no antigo quanto no novo testamento, reis, imperadores, estados, templos e sacerdotes tiranizam o povo de Deus (ou o Reino de Deus) e lhe impedem de afirmar-se e crescer. A história do Povo de Deus (cfr. José Comblin, O povo de Deus, Paulus 2002) durante os dois mil anos do cristianismo não parece muito diferente. Quando o povo era Eucaristia e Igreja. Como se deu a separação entre clero e povo e a consequente submissão do povo ao clero. Fatos da idade média: movimentos comunitários absorvidos no movimento franciscano. Cátaros e albigenses. Na idade moderna: uma das cinco pragas da Igreja no livro de Antonio Rosmini é a distância e diferença entre clero e povo. A idéia de Povo de Deus reaparece no primeiro e segundo capítulo da *Lumen Gentium* mas fica como que ignorada no terceiro capítulo. No Sínodo dos Bispos de 1984 é totalmente preterida, sob pretexto que a Igreja não é povo mas comunhão hierárquica. Seria possível uma comunhão hierárquica? É possível uma comunhão de bens entre patrão e empregado, entre quem vai de Ferrari e quem vai a pé? Os leigos como sujeitos se encontram somente na TL e nas comunidades de base. Na Igreja atual os leigos contam um bilhão de unidades, para que? Por que se ignora e não se consegue empenhar um patrimônio de tal tamanho? O esquecimento dos leigos ao longo dos últimos 1.600 anos comportou o esquecimento do outro pilastre do Reino de Deus: os pobres.

**Outras perguntas.** Na Igreja atual, um leigo poderia ser profeta à maneira de Oséias? Qual o maior dever dos padres em relação aos leigos de hoje?

**O3. O QUE OSÉIAS PENSA DE DEUS, DA RELIGIÃO, DA LITURGIA E DO SACERDOTE.** Deus é pai, mãe, esposo, amor, afetividade, misericórdia, coisas todas que tem a ver com a sexualidade, os filhos, a família, a comunidade. As nossas paróquias são comunidades ou centros de poder? As nossas comunidades são famílias que praticam uma qualquer forma de partilha? Notemos que a dinâmica da paróquia tende a diferenciar-se claramente da dinâmica da comunidade. Enquanto a dinâmica da paróquia é concentradora e centrípeta, a dinâmica da comunidade é centrífuga e expansiva. As relações humanas na Igreja são fundadas no amor, na afetividade, na compreensão e na misericórdia?

Em segundo lugar, Oséias critica a liturgia em geral e os sacrifícios em particular. Seja as carnes gordas seja as refinadas não podem agradar a Deus. O que agrada a Deus é a misericórdia e a compaixão.

Em relação a liturgia Oséias desperta em nós dois interrogativos: o que é mesmo a liturgia? Que sentido tem o sacrifício? Deixando firme que as atividades divinas na história se repetem em nossa frente por meio da liturgia e arrastam consigo todos os participantes, pela importância que lhe é atribuída e pela imponência com a qual se apresenta, a celebração litúrgica foi freqüentemente causa de surpresas e até de duras opiniões negativas. Há quem pensa que a liturgia seja o álibi da testemunha e da luta pela transformação do mundo. Não podendo mais fazer outra coisa, os cristãos se reduziram a organizar procissões. Quando teria-se verificado esta situação? A partir do século IV, na hora em que Constantino começou a considerar-se bispo dos corpos e das realidades terrestres em contraposição à Igreja que devia somente interessar-se das almas, ou das realidades celestes. “Vocês pensem ao céu, enquanto à terra (isto é ao império) penso eu”. Ouçamos a propósito duas vozes da nossa época: padre Ernesto Balducci e padre José Conblin. Cfr. *Il Vangelo della pace*, Anno A, Ed. Borla, Roma e *O Caminho*, Paulus, 2004.

A respeito do sacrifício, desde a antiguidade considerado como realidade fundamental e irrenunciável de qualquer religião, a teologia atual está ingressando caminhos muito críticos e praticamente opostos à tradição. Segundo esta teologia, Deus não podia exigir do Filho a morte na cruz. Quem exigiu isso foram os adversários de Jesus -o templo, os doutores, os herodianos e os romanos- e não o Pai do Céu ou os nossos pecados. Jesus não nos salvou pela cruz mas pelo amor máximo que ele expressou mediante a morte na cruz. Não aceitou a cruz porque era coisa boa ou

necessária, mas aceitou a cruz para não trair o projeto do Pai. Isso quer dizer que, para se salvar da cruz, Jesus teria sido obrigado a recorrer aos seus adversários e, então, a repudiar o projeto do Pai por causa do qual estava sendo condenado.

Em relação aos sacerdotes ou levitas, Oséias é duro e drástico. Por que? Porque em vez de orientar o povo e acompanhá-lo nos seus caminhos para Deus, os sacerdotes preferem apoiar a monarquia e receber dela status de privilégio e compensações pecuniárias. Não podemos afirmar que isso aconteça normalmente hoje, especialmente na AL ou no Brasil. Mas existem por aí casos que prestam para abrir interrogações. Cfr. O caso dos Estados Unidos e da Itália onde bispos e padres apóiam tanto Busch quanto Berlusconi. Não quero nesta hora colocar em discussão o sacerdócio como tal, suas funções tradicionais ou sua natureza, especialmente em relação ao Novo Testamento, mas gostaria falar de uma nova função que os sacerdotes deveriam preferenciar: colocar os leigos e a comunidade em condição de reassumir seu sacerdócio e suas funções tanto em relação à Igreja quanto em relação ao mundo. Quem recomenda isso é alguém que sempre cuidou de vocações sacerdotais e sacerdotes em formação. Lembremos o que dizia o Papa Paulo VI aos operários de uma grande indústria italiana: “Vocês são os sacerdotes da matéria”. Na mesma linha devemos liberar os leigos e permitir que se tornem responsáveis tanto de certas áreas da Igreja quanto de todas as áreas da vida humana e do mundo atual. Devemos conseguir que um bilhão de leigos reconheçam sua vocação em relação ao Reino, quer dizer em relação à política, à economia, ao trabalho, à ciência, à tecnologia, às artes, ao esporte... numa hora tão crítica e promissora como a nossa em relação à sociedade mundial e a sua possibilidade de descobrir ou redescobrir os caminhos de Deus. Para ser mais prático citarei somente o título do primeiro capítulo de um livro que saiu nestes dias e fala do problema em questão. O livro é: Fabio Régio Bento. Cristianismo, humanismo e democracia. Paulus, 2005. O primeiro capítulo é: Cristianismo e democracia: da soberania dos pastores à soberania das ovelhas. Pág. 17-46 (\*).